

SINAIS DE PONTUAÇÃO E BNCC: REFLEXÕES DIALÓGICAS

Anderson Cristiano da SILVA¹

Resumo: Este trabalho objetiva refletir a respeito dos sinais de pontuação dentro da Base Nacional Comum Curricular, preocupando-se com as primeiras ocorrências encontradas sobre a temática no documento. Para tanto, recorreu-se ao construto teórico delineado pela Análise Dialógica do Discurso (BAKHTIN, 2010, 2011, 2012, 2016) na qual se restringiu aos conceitos-chave de enunciado concreto. Para analisar esse documento, no que tange aos sinais de pontuação, utilizamos uma versão eletrônica em PDF, que possibilita o recurso de localizar palavras. Ao colocarmos a palavra pontuação, encontramos 24 ocorrências para esse vocábulo, das quais nos limitamos a analisar, conforme as coerções limitativas deste artigo, as primeiras ocorrências a respeito da pontuação, que correspondem à parte introdutória do conteúdo. Em nossas considerações, observamos que a pontuação foi apresentada de maneira consonante comparada a outros documentos parametrizadores, bem como sua abordagem inicial está alinhada aos novos estudos sobre o conteúdo desenvolvidos pela Linguística contemporânea.

Palavras-chave: Sinais de Pontuação; Enunciado Concreto; Análise Dialógica do Discurso.

Abstract: This paper aims to reflect on the punctuation marks inside Base Nacional Comum Curricular, being concerned with the first occurrences found on the subject in the document. To do so, we turn to the theoretical constructo delineated by Dialogical Discourse Analysis (BAKHTIN, 2010, 2011, 2012, 2016), in which restrict ourselves to the key concept of utterance. To analyze this document, with respect to punctuation marks, we use an electronic version in PDF, which enables the use of localized words. When we put the word punctuation, we find 24 occurrences for this word, from which we limit ourselves to analyze, according to the limitations constraints of this article, the first occurrences with respect to punctuation, which correspond to the introductory part of the document. In our considerations, we observed that the punctuation was presented in a consonant way compared to other parameterizing documents, as well as its initial approach is according with the new studies on the thematic developed by contemporary Linguistics.

Keywords: Punctuation marks; Utterance; Dialogical Analysis of Discourse.

Palavras iniciais

Este trabalho objetiva refletir a respeito dos sinais de pontuação dentro da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), doravante BNCC, preocupando-se com as primeiras ocorrências encontradas sobre a temática no documento. Justifica-se esta pesquisa pela relevância atual do tema e sua importância no ensino da escrita, bem como pela recente homologação da BNCC (BRASIL, 2017) que norteará políticas públicas de formação docente em todos os estados da federação, além de interferir nos

¹ Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP). Mestre em Linguística Aplicada. Graduado em Letras Português/Inglês. Coordenador Pedagógico da Rede Estadual de São Paulo e Professor de Língua Portuguesa. E-mail: andcs23@hotmail.com

futuros editais que prescreverão os materiais didáticos utilizados pelas diferentes esferas educacionais. Destarte, busca-se com isso responder a seguinte pergunta de pesquisa: *Como os sinais de pontuação são apresentados na BNCC?*

Para responder a esse questionamento, amparamo-nos nos preceitos teóricos da Análise Dialógica do Discurso, doravante ADD, que tem como base as contribuições teóricas engendradas por Bakhtin (2010, 2011, 2012, 2016) e pelo Círculo, bem como pelos diversos trabalhos que despontam a respeito da vertente dialógica da linguagem. Como há um arcabouço teórico muito complexo, nesta investigação, utilizamos como categorias de análise o conceito de *enunciado concreto e relações dialógicas*. Ademais, também adentraremos a respeito da própria noção de pontuação, uma vez que há um prisma muito grande de concepções que corroboram para um entendimento mais abrangente desse conteúdo gramatical, influenciando a capacidade de escrita autônoma e a constituição de sentidos.

Em termos metodológicos, esta investigação apresenta a base teórica que norteia este trabalho por meio da ADD, bem como diferentes visões a respeito da pontuação. Em um segundo momento, aprofundaremos o estudo sobre a BNCC (BRASIL, 2017), documento recém homologado pelo governo federal e em processo de apropriação e conhecimento em todas as redes de ensino do país, focando nossa análise no tratamento dado aos sinais de pontuação. Para analisar essa nova referência educacional (BRASIL, 2017), no que tange aos sinais de pontuação, utilizamos uma versão eletrônica em PDF, que possibilita o recurso de localizar palavras. Ao colocarmos a palavra *pontuação*, encontramos 24 ocorrências para esse vocábulo, das quais nos limitamos a analisar, conforme as coerções limitativas deste artigo, as primeiras ocorrências a respeito da pontuação, que correspondem a parte introdutória no documento.

Perspectiva dialógica da linguagem

Buscando construir nosso raciocínio a partir do objetivo traçado, nosso *corpus* constitui-se de excertos de um documento oficial (BRASIL/MEC/BNCC, 2017) que representa a materialização de vários discursos. Desse modo, para analisar os enunciados, adotamos a perspectiva dialógica da linguagem que compreende o todo enunciativo, ou seja, são constituídos de outros enunciados em uma cadeia ininterrupta, possuem locutores e interlocutores, além de permitirem juízos de valor, bem como a possibilidade de resposta a partir de um contexto sócio histórico.

Em nossa busca por analisar como os sinais de pontuação são apresentados na BNCC (BRASIL/MEC/BNCC, 2017), amparamo-nos na Análise Dialógica do Discurso, que tem como base os escritos de Bakhtin e o Círculo. A teoria dialógica da linguagem desenvolveu-se a partir do conceito de *diálogo*, tendo sua gênese por Jakubinskij (2015) e posteriormente por diferentes por diversos teóricos, dentro da tríade mais conhecida em nosso país devido às traduções indiretas e diretas para o português: Volochínov, Medvedev e Bakhtin. Desse modo, a partir de uma gama de publicações entre as décadas de 1920 e 1970 do século passado, bem como dos renomados especialistas que se destacaram dentro da teoria dialógica complementando o entendimento dessa complexa perspectiva teórica, elegemos *enunciado concreto* como categoria de análise.

A partir de uma noção polissêmica que existe sobre o termo *enunciado*, no *Dicionário de linguística da enunciação* (FLORES, 2009) encontram-se diversas acepções para *enunciado*, entre as quais o termo, pelo viés bakhtiniano, é reportado ao conceito de *enunciação*. Nessa publicação, recorrem-se as explicações do tradutor Paulo Bezerra para esclarecer que o vocábulo russo *viskázivanie* dá margem para dois

sentidos: ato de enunciar palavras ou como seu resultado, por exemplo, um romance. Ao verificar o sentido de enunciação, há uma indicação que o termo pode ser encontrado com outros nomes, como *enunciado* ou *enunciado concreto*, tendo por definição a enunciação (enunciado) como materialização da interação verbal entre os sujeitos discursivos.

A opção em trabalhar com enunciados concretos torna-se um elemento importante em nossa pesquisa, pois vem colaborar para a investigação das abordagens sobre o conteúdo da pontuação apresentada na recente homologação da BNCC (BRASIL, 2017), considerando os elementos contextuais. Nesse ponto, temos que levar em consideração que a interação entre os signos se dá por meio de enunciados concretos e, por isso, há necessidade de explicitá-los. O enunciado representa um conceito abrangente no qual existe um propósito discursivo, além de ser expresso por uma materialidade linguística. Dentro de um contexto bivocal, constitui-se pela existência de um locutor, nele compreende-se a possibilidade de uma réplica, em que o sujeito receberá o discurso de maneira nem sempre idêntica, conforme sua constituição subjetiva.

Entre os primeiros textos bakhtinianos que tratam do assunto encontramos em *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2010). Numa perspectiva ética histórico-fenomenológica, esse trabalho investigou o ato (ou a ação) em sua realização concreta, revelando que não há enunciado neutro, uma vez que revela o tom axiológico em determinada situação da vida cotidiana. Nesse sentido, observam-se nesses manuscritos as ideias iniciais sobre a noção do acabamento enunciativo, ou seja, os enunciados têm como uma de suas características a capacidade de resposta.

À guisa de ilustração, tomando como base os excertos da BNCC (BRASIL/MEC/BNCC, 2017) que servirão de objeto para nossas discussões, podemos exemplificar aqui essa trama dialógica entre os participantes do discurso. Começando pelos autores do documento, esses, ao assinarem e estruturarem o documento, assumem a responsabilidade sobre a obra a ser divulgada. Nesse processo, a autoria é geralmente feita por autoridades e especialistas na área que possuem conhecimentos e certo reconhecimento e prestígio no meio acadêmico, predispondo a ser o responsável por tal publicação.

Dando prosseguimento aos escritos do Círculo que corroboram no entendimento de enunciado, acrescenta-se a este trabalho o livro *O freudismo: um esboço crítico* (BAKHTIN, 2012). Publicado em 1927, a obra dialogou com as correntes filosóficas e psicológicas da época, nas quais o teórico russo estabeleceu sua crítica pelo viés marxista, sendo mais uma reflexão que corrobora para o entendimento de enunciado. Ao definir o *Freudismo* como uma variedade da psicologia subjetiva, Bakhtin (2012) aponta a falha dos freudianos em não tentar explicitar, de modo mínimo, a relação da psicologia da época com os métodos utilizados por ela. Nessa linha de raciocínio, a teoria de Freud se baseia na construção do enunciado a partir da questão do inconsciente, sem levar em consideração seu aspecto objetivo e suas origens sociológicas. Bakhtin (2012) defende a ideia de que nenhuma enunciação verbalizada pode ser constituída somente por quem a enunciou, uma vez que é resultado de uma situação social estabelecida entre a interação dos sujeitos do discurso.

Nessa obra, o Círculo começa a delinear alguns aspectos fundamentais para a caracterização de enunciado pelo viés bakhtiniano, ideias que também são encontrados em outro trabalho que foi publicado em período posterior: *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017). Nesse trabalho, percebe-se uma relação explícita entre linguagem e sociedade, atribuindo ao signo como resultado da interação social. Sucintamente, os signos são considerados como parte de um processo comunicativo

ininterrupto em que, tanto na modalidade oral quanto escrita, podem ser analisados a partir de um contexto sociohistórico.

Como a enunciação é o produto de dois sujeitos inseridos em um contexto social, no processo de enunciação há o locutor e o interlocutor. Essa relação é construída em um contexto social específico em um dado contexto histórico. Para unir o locutor e o interlocutor há a palavra, sendo considerada como o produto da interação de ambos. A expressão verbal é socialmente dirigida e construída, pois dependendo dos indivíduos envolvidos no ato de fala e da situação social em que o locutor está inserido, expressará seu enunciado de maneiras distintas. Corroborando com essa visão, em uma das publicações mais conhecidas do Círculo, a coletânea *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2011), bem como uma publicação ainda mais recente do ensaio intitulado *Os gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2016) acaba trazendo uma nova perspectiva na concepção de língua, pois a relaciona em todas as esferas da atividade humana. O teórico afirmava que “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2016, p.11).

Entre suas reflexões, o autor apresenta uma concepção histórica de sujeito a partir da linguística do século XIX, em que o papel do outro, isto é, do destinatário do discurso era compreendido como passivo de compreensão das ideias do locutor, desconsiderando a complexidade da interação verbal. A imagem que a linguística geral trazia do leitor/ouvinte como um mero receptor da linguagem não poderia ser considerado mais, visto o grande avanço dos estudos teóricos em voga. Bakhtin (2016), em suas discussões, já tratava desse assunto numa abordagem direta, pois dizia que o ouvinte recebe e compreende o ato discursivo e apreende, de forma simultânea. Nessa perspectiva, o enunciado é considerado como unidade real de comunicação verbal, as fronteiras desse objeto dão-se pela interação dos sujeitos do discurso. Essa atitude dialógica pode ser considerada em ambas os casos: tanto na ação em que os falantes estão presentes, como no caso dos (inter)locutores estarem separados. Em ambos, há uma complexa rede de comunicação, pois as vozes constitutivas se entrelaçam para dar acabamento e sentido ao enunciado em questão.

As relações que se constituem entre os enunciados são concepções fundamentais para compreensão do nosso objeto de pesquisa. Se pensarmos nos enunciados sobre a pontuação encontrados na recente BNCC (BRASIL, 2017), por exemplo, veremos que as mesmas possuem um autor (ou autores) que precisa(m) se ater na execução do projeto enunciativo. Todas as ideias apresentadas pelo Círculo bakhtiniano vêm corroborar para uma visão menos ingênua, pois considera os aspectos históricos e sociais na tessitura dos enunciados concretos.

Apresentado nosso aporte teórico, outro fio dialógico importante que compõe o ensino da pontuação é sua própria conceituação ao longo do tempo, nos diferentes tipos de publicação, dicionários, gramáticas, livros didáticos e internet. Para tanto, na sequência, deixaremos uma exposição a respeito do conceito de pontuação por alguns pesquisadores da área de Letras e Linguística que se debruçaram a respeito da temática.

Concepções a respeito da pontuação: múltiplos olhares

Um dos ícones sobre o estudo da pontuação, no ocidente, encontra-se na obra de Catach (1994). A especialista assevera que mesmo sendo uma aquisição recente da comunicação humana, a pontuação tornou-se indispensável, revelando as unidades linguísticas completas. Além de ratificar a importância desse conteúdo, afirma que a pontuação pode ser compreendida em um sentido *lato* ou *estrito*. No sentido amplo,

incluem sinais como: títulos, tipografia e espaços. Em um sentido restrito, estão os sinais estritamente relacionados com o texto alfabético, no qual comumente conhecemos por meio dos manuais gramaticais e livros didáticos.

Numberg (1990), em seu trabalho, examina o sistema gráfico associado com a materialidade textual. Dessa maneira, afirma que o a pontuação é um subsistema linguístico que devia ser considerado como parte do sistema mais amplo da linguagem escrita, embora a sua sistematicidade está apta a ser obscurecida se tentarmos analisá-la por contraste, por referência ao conjunto de dispositivos de língua falada com os quais tem alguma sobreposição funcional. O pesquisador já apontava, em suas pesquisas, que, até meados da segunda metade do século XX, dentro de uma literatura robusta a respeito dos estudos da linguagem, em língua inglesa, quase nada havia a respeito da pontuação, com exceção do material predominantemente normativo.

Como observamos até este ponto, os dois pesquisadores estrangeiros mostram um pouco da história e também posições distintas a respeito da temática. Em continuidade, enriquecendo ainda mais a gama de visões a respeito dos sinais de pontuação, acrescentando três pesquisadores de renome que produziram uma literatura considerável sobre a pontuação em nosso país.

A partir das reflexões de Chacon (1998) sobre o fluxo enunciativo, no qual a enunciação poderia ser fragmentada em unidades rítmicas, constatou-se que a pontuação, em sua visão, era um recurso gráfico por meio do qual conseguimos perceber essa fragmentação. De acordo com o autor, “a pontuação pode revelar de que modo o ritmo mostra uma organização do heterogêneo da linguagem, por meio da sistematização de fragmentos descontínuos de linguagem” (CHACON, 1998, p. 22). A partir das reflexões a respeito da atividade enunciativa, observamos que o autor demonstrou que a enunciação pode ser fragmentada em unidades rítmicas, inter-relacionadas no fluxo discursivo por meio da pontuação.

Outra pesquisadora de extrema importância, pois trata de forma aprofundada as manifestações da pontuação nos textos, é Dahlet. O que podemos notar é que a investigadora propõe como centro de seu estudo não as regras dos manuais, mas a não separação da pontuação dos atos de comunicação, como defende em sua análise (cf. DAHLET, 2006). Dahlet assevera esse pensamento dizendo que “[...] pouquíssimos sinais de pontuação ficam regidos pela norma enquanto a maioria decorre da intenção de comunicação ou da interação estabelecida entre quem escreve e quem lê” (DAHLET, 2006, p. 24).

Com perspectivas diferentes, gramáticos e editores tentavam padronizar o emprego da pontuação, mas outros grupos reivindicavam o emprego da pontuação sob uma dimensão pessoal, explica Dahlet (1995). Outro fato importante ocorrido no século XIX, foi a mudança no modo de ler, na qual a leitura vocalizada foi substituída pela leitura silenciosa. Dahlet (1995) explica que a homogeneização da pontuação ocorreu pela contribuição dos acadêmicos, já no século XX, que passaram a usar os sinais de pontuação de acordo com as gramáticas. No entanto, o que ocorria, e ainda ocorre, é que os manuais de gramática trazem um conteúdo atrelado às regras e nomenclaturas, em que os sujeitos precisam ter o domínio mínimo da estrutura canônica da oração para terem consciência do uso da pontuação.

Na busca de apresentar novas maneiras de olhar os sinais de pontuação, precisamos voltar na história para entendermos um pouco os motivos que delinearam as acepções contemporâneas que se apregoam sobre o emprego da pontuação. A partir do século XX, começou-se a discutir a pontuação sob um viés mais científico no qual gramáticos e linguistas estabeleceram critérios para pontuar de acordo com funções sintáticas, na tentativa de normatizar o uso dos sinais de pontuação. Sob outro aspecto,

Rocha (1997) também discorre sobre a maneira como a pontuação é apresentada, sendo tratada de modo impressionista e simplista, sem considerar a complexidade do assunto. A pontuação teve suas regras delineadas por meio da sintaxe, mas para muitos sujeitos ainda vigora a dependência com funções respiratórias, justificando o emprego da pontuação a partir da respiração dos sujeitos.

Em consonância com tais informações, a lacuna que há entre as regras normatizadoras e o uso cotidiano da pontuação precisam ser mais discutidos e problematizados. Não se trata de tentar sistematizar o uso corrente dos sinais de pontuação, mas dar atenção para os fatos da língua em que os manuais não podem explicar. Segundo Rocha (1997), é necessário que os linguistas também se preocupem com o estudo da pontuação, permitindo abranger e ampliar nosso conhecimento a respeito da temática. Para tanto, precisamos discutir as possibilidades de pontuação também sob o aspecto estilístico, bem como os modos de leitura, fato em que tentaremos observar nos enunciados presentes na BNCC (BRASIL, 2017).

Segundo a discussão da pesquisadora, podemos encontrar, nos textos literários e jornalísticos, os melhores exemplos de estilos de pontuar. Como modelo, Rocha (1998) cita as obras de Saramago nas quais encontramos uma maneira peculiar de pontuação. Apesar de autores de textos jornalísticos pautarem-se pelos manuais de orientação e pela gramática normativa, o estilo de cada autor acaba transparecendo na materialidade linguística em que a subjetividade se faz presente

A partir desse resumo a respeito da pontuação, explicitamos a complexidade do assunto e a justificativa para o seu aprofundamento. Ademais, de maneira mais ampla, as produções encontradas sobre a pontuação podem ser divididas em dois segmentos. No primeiro, vemos, nas livrarias virtuais e físicas, manuais que diretamente ou indiretamente têm a pontuação dentro de manuais para passar em concursos, que basicamente tratam de regras e exercícios de fixação. De outro modo, publicações sobre a pontuação que atingem um grande público são os milhares de livros didáticos distribuídos pelo governo federal por meio do Programa Nacional do Livro Didático nos diversos segmentos do Ensino Básico.

Ponto interessante a ressaltar é que o engendramento dos livros didáticos está submetido à legislação federal, entre as quais precisam se ater ao que os editais prescrevem. De maneira mais atual, com a homologação da BNCC (BRASIL, 2017), os futuros livros didáticos precisarão estar alinhados aos novos enunciados que parametrizarão a educação brasileira, sendo mais um fio que compõe a trama dialógica que tentaremos expor de maneira breve neste artigo. Sendo assim, faz-se necessário um aprofundamento a respeito da própria composição desse documento (BRASIL, 2017).

BNCC: breve histórico

A partir dos veículos oficiais² e diversas páginas *on-line* que explicitam orientações a respeito da BNCC³ (BRASIL, 2017), cujo documento, para o segmento do Ensino Fundamental, foi homologado em 20 de dezembro de 2017 e está em discussão nas diversas secretarias estaduais e municipais pelo país, para sua efetiva implementação dentro das escolas. O documento veio para definir os conteúdos

² Para detalhes e acesso aos documentos na íntegra, vide <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

³ Cabe ressaltar que há diversos pontos positivos e negativos sobre a BNCC (BRASIL, 2017) levantados em trabalhos e artigos científicos, bem como comentários na mídia em diferentes plataformas. No entanto, neste trabalho não entraremos no mérito da questão, sendo que nos preocuparemos unicamente com o tratamento dado aos sinais de pontuação em sua apresentação inicial nesse documento.

mínimos que cada educando terá direito de aprender em todos as regiões de nossa nação. Em síntese, prescreverá as aprendizagens básicas para todos os educandos ao longo da educação básica, de maneira progressiva e por áreas do conhecimento. Ademais, torna-se referência nacional e obrigatória nas diversas redes de ensino, bem como nas propostas pedagógicas de cada unidade escolar.

A BNCC (BRASIL, 2017), em sua gênese, constitui-se como uma política de estado e não de governo, sendo sua construção efetivamente iniciada por meio de um processo colaborativo iniciado em 2015. Segundo os dados oficiais do governo, entre outubro de 2015 e março de 2016, houve uma consulta pública com 12 milhões de contribuições para elaboração da 1ª versão da BNCC. O passo seguinte para o engendramento da 2ª versão foi a realização de 27 seminários estaduais, entre junho e agosto de 2016, que geraram mais 9 mil contribuições. Para a 3ª versão, entre janeiro e março de 2017, foi aberto o período de contribuições de professores, especialistas e associações científicas, culminando na aprovação no Conselho Nacional de Educação e homologação do documento em dezembro de 2017. Nesse processo dialógico, os vários enunciados foram colocados em discussão formando uma teia enunciativa que serviu de base para a elaboração de um documento único que serviu de base para fazermos o recorte de nosso *corpus*.

Elaborado em observância à legislação nacional relativa ao campo da educação, o texto teve em sua gênese a trama de outros documentos nacionais balizadores, tais como: o artigo 210 da Constituição Federal (BRASIL/CF, 1988), que já previa a fixação de conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, de modo a assegurar a formação básica comum; artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 2010a), que já prescrevia a necessidade dos currículos do Ensino Básico terem uma Base Nacional Comum, a ser complementada em cada estabelecimento de ensino e sistema escolar; artigo 14 das Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2010b) em que asseverava a definição de uma Base Nacional Comum que abarcasse conhecimento, saberes e valores produzidos culturalmente e gerados nas instituições produtoras de conhecimento científico e tecnológico. Por fim, também no mais recente documento, o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014) estabeleceu estratégias para cumprimento das metas 2, 3 e 7 que englobava a concretização da BNCC no país.

Sinais de pontuação na BNCC: as tramas enunciativas em sua apresentação inicial

Problematizando a relação de nossa abordagem teórica e nossas análises nesta investigação, compreende-se as prescrições a respeito dos sinais de pontuação encontradas nos documentos educacionais oficiais como enunciados concretos, uma vez que possuem todas as características engendradas pelo chamado Círculo bakhtiniano. No primeiro ponto, destacamos sua capacidade de serem irrepetíveis, sendo que o objetivo e o contexto de leitura, os sujeitos e o momento sócio-histórico são elementos que colaboram para que o evento seja único. Além disso, por serem únicos, possibilitam acabamento e os efeitos de sentido a partir dos (inter)locutores do discurso.

Considerando a BNCC (BRASIL, 2017) como um *enunciado concreto*, temos que levar em consideração diversos aspectos para nossa análise dialógica. Dessa maneira, o documento possui locutor e interlocutor(es). De uma parte, vemos no início alguns nomes pertencentes ao Ministério da Educação na gestão em que o documento foi homologado, bem como a menção à parceria com o Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) e a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME). No entanto, trata-se de um texto coletivo em que diversos especialistas e leigos tiveram participação a qual podemos constatar, por meio da ficha

técnica, localizada na parte final desse documento, na qual aparecem dezenas de nomes. Assim, a trama dialógica estabelece-se por meio das diversas versões que o documento teve a partir da interação de todos os sujeitos discursivos envolvidos e dos embates dialógicos estabelecidos que resultaram na versão final do documento.

A elaboração do documento foi resultado de enunciados de diferentes documentos que já previam a existência de uma base comum em uma nação continental como o Brasil. Nesse sentido, dialoga com documentos anteriores, como a Constituição Brasileira, as Diretrizes Curriculares Nacionais, o Estatuto da Criança e do Adolescente, bem como as Leis de Diretrizes em Bases da Educação Nacional.

Do outro lado, o *enunciado concreto* possibilita respostas dos interlocutores, conforme a esfera e o contexto, possibilitando efeitos de sentido. De maneira ilustrativa, o documento tem funções diferentes conforme os sujeitos, por exemplo, se autores e articuladores de editoras educacionais estiverem lendo a BNCC (BRASIL, 2017), estarão seguindo as prescrições coercivas para o engendramento dos materiais didáticos. De outro modo, um pesquisador, ao ler a base dentro de um contexto de pesquisa, poderá ver que documento terá outra função, sendo um objeto passível de análise.

Em termos organizacionais, além da apresentação, o documento possui 442 páginas e está dividido em 04 partes: a) Introdução; b) Estrutura da BNCC; c) A etapa da Educação Infantil; d) A etapa do Ensino Fundamental. Desse modo, pelo próprio volume de páginas que a BNCC (BRASIL, 2017) possui, levanta-se a hipótese de um possível obstáculo: a leitura integral do documento, principalmente por professores e gestores das escolas públicas, uma vez que é fato notório a falta de tempo que esse segmento possui para estudar documentos específicos da educação.

Dentro da introdução da BNCC (BRASIL, 2017), encontramos as 10 competências gerais para a Educação Básica, das quais, o conteúdo *sinais de pontuação* possui uma relação dialógica direta com a *competência 4*, cuja temática é usar diferentes linguagens para expressar as ideias de modo que os sujeitos possam ser entendidos, nas quais colocamos aqui as produções escritas e, conseqüentemente, a pontuação. Desse modo, os educandos ao longo do processo de letramento no Ensino Fundamental, precisam ter consciência das variações linguísticas, atentando para a norma culta, apropriando-se de suas peculiaridades para tornar-se um sujeito que utiliza a língua de maneira protagonista e autônoma.

Para analisar esse documento (BRASIL, 2017), no que tange aos sinais de pontuação, utilizamos uma versão eletrônica em PDF, que possibilita o recurso de localizar palavras. Ao colocarmos a palavra *pontuação*, encontramos 24 ocorrências para esse vocábulo, das quais nos limitamos a analisar, conforme as coerções limitativas deste artigo, as primeiras ocorrências a respeito da pontuação, que correspondem a parte introdutória do conteúdo. A partir dessa estratégia, observa-se que essas ocorrências foram concentradas na última parte do documento, destinada a etapa do Ensino Fundamental, mais especificamente na área de Linguagens, dentro da disciplina de Língua Portuguesa.

No que concerne ao eixo de *Leitura* (BRASIL, 2017), há uma acepção mais ampla que engloba o texto escrito, imagens estáticas ou em movimentos e até mesmo o som. Ademais, as práticas leitoras foram organizadas em diferentes aspectos, em uma tabela didática, da qual destacamos a primeira em que os sinais de pontuação aparecem explicitamente no documento:

Tabela 1: Trecho 1 – BNCC, p. 71 – efeitos de sentido

	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar implícitos e os efeitos de sentido decorrentes de
--	---

Compreensão dos efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos	determinados usos expressivos da linguagem, da pontuação e de outras notações, da escolha de determinadas palavras ou expressões e identificar efeitos de ironia ou humor.
--	--

Fonte: BRASIL, 2017

Nesse ponto, como explicitado neste artigo, a primeira incidência da palavra pontuação encontrada no documento possui uma relação dialógica consonante ao que diversos pesquisadores da área de Letras e Linguística têm apontado em suas investigações, pois a pontuação é um elemento importante na constituição de sentidos, fazendo com que os interlocutores compreendam o texto de maneira mais crítica e autônoma. Seja ela silenciosa ou em voz alta, a pontuação pode indicar explicitamente efeitos de ironia ou humor, caso, por exemplo, dentro das diversas postagens em redes sociais ou em grupos de mensagens em celulares.

Ademais, aqui não é dada uma noção explícita a respeito do conceito de pontuação, mas sua relação inicia com os efeitos de sentidos em uma das modalidades da língua. Com essa primeira incidência da palavra pontuação no documento, percebe-se uma visão mais direta na qual está em jogo a função que esse conteúdo exerce, e não suas várias regras e nomenclaturas, geralmente encontradas nas gramáticas de cunho prescritivo normativo.

No eixo de *Produção de Texto*, a organização das práticas de produção textual compreende a relação com às atividades de reflexão e uso, das quais destacamos:

Tabela 2: Trecho 2 – BNCC, p. 76 – aspectos notacionais e gramaticais

Aspectos notacionais e gramaticais	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar, ao produzir textos, os conhecimentos dos aspectos notacionais – ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc., sempre que o contexto exigir o uso da norma-padrão.
------------------------------------	---

Fonte: BRASIL, 2017

Nesse ponto, entre as habilidades necessárias para a produção textual (BRASIL, 2017), há necessidade de um conjunto de elementos em que a pontuação é parte fundamental. Cabe ressaltar que essa habilidade explicita a necessidade de os sujeitos saberem utilizar dentro do contexto, conforme as exigências. Aqui, podemos pensar que em um diálogo dinâmico, por meio de mensagens de textos, que ocorre nos celulares, de uma maneira informal. O gênero acaba não exigindo de maneira enfática a pontuação, sendo sua ausência completada pelo estofo discursivo que os sujeitos possuem; no entanto, quando não há esse domínio, os leitores podem não compreender de maneira tão clara os elementos implícitos dentro do fluxo verbal.

No eixo da *Análise Linguística/Semiótica*, como nos demais eixos, há necessidade que leitura, produção e análise linguística estejam juntos, mas para questões de organização curricular, há necessidade dessa separação, como explicita o próprio documento (BRASIL, 2017). A marcação específica do trabalho conjunto com os diversos eixos mostra uma relação dialógica consonante com as prescrições dos

Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001), que também orientavam esse trabalho conjunto.

Para fins de organização do quadro de habilidades do componente, foi considerada a prática principal (eixo), mas uma mesma habilidade incluída no eixo Leitura pode também dizer respeito ao eixo Produção de textos e vice-versa. O mesmo cabe às habilidades de análise linguística/semiótica, cuja maioria foi incluída de forma articulada às habilidades relativas às práticas de uso – leitura/escuta e produção de textos. São apresentados em quadro referente a todos os campos os conhecimentos linguísticos relacionados a ortografia, pontuação, conhecimentos gramaticais (morfológicos, sintáticos, semânticos), entre outros (BRASIL, 2017, p. 80).

Em consonância com o excerto, colocamos a seguir a tabela que mostra a pontuação relacionada com os elementos notacionais da escrita. Nesse sentido, podemos resgatar nossa discussão no início deste artigo, quando apresentamos diversas visões a respeito da pontuação por diferentes pesquisadores. No documento, são apresentados como elementos notacionais na produção escrita:

Tabela 3: Trecho 3 – BNCC, p. 81– elementos notacionais da escrita

Elementos notacionais da escrita	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as diferentes funções e perceber os efeitos de sentidos provocados nos textos pelo uso de sinais de pontuação (ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, vírgula, ponto e vírgula, dois-pontos) e de pontuação e sinalização dos diálogos (dois-pontos, travessão, verbos de dizer).
----------------------------------	--

Fonte: BRASIL, 2017

Observando essa prescrição do documento, podemos verificar uma relação dialógica consonante aos estudos contemporâneos a respeito da pontuação que se preocupam com os efeitos de sentido do discurso. De outro modo, o trecho analisado mostra um distanciamento com alguns manuais e gramáticas normativas que atrelando apenas a pontuação às normas e nomenclaturas gramaticais. Ressaltamos aqui a importância que os manuais e gramáticas possuem dentro do ensino e aprendizagem da língua, no entanto, temos que levar em consideração seu caráter prescritivo e de consulta, mas não a única maneira de associar os sinais de pontuação no momento de seu ensino na escola regular.

Em continuidade, o documento (BRASIL, 2017) cita o conteúdo como parte importante dentro do processo de alfabetização, destacado como parte do processo de letramento dos educandos, levando em conta os textos do cotidiano, sejam eles orais ou escritos.

Nesse sentido, ganha destaque o campo da vida cotidiana, em que circulam gêneros mais familiares aos alunos, como as cantigas de roda, as receitas, as regras de jogo etc. Do mesmo modo, os conhecimentos e a análise linguística e multissemiótica avançarão em

outros aspectos notacionais da escrita, como pontuação e acentuação e introdução das classes morfológicas de palavras a partir do 3º ano (BRASIL, 2017, p. 91).

Nesse ponto, destacamos que é a primeira vez que o documento faz referência direta a série/ano, informando quando os alunos matriculados em escolas regulares devem iniciar o aprendizado formal dos sinais de pontuação. Tendo explicitado o ponto inicial para o ensino da pontuação, e levando em consideração a extensão continental de nosso país, todos os currículos estaduais e municipais, bem como os materiais didáticos deverão adequar-se para o cumprimento dessa prescrição.

Ademais, observando o elemento da pontuação dentro da BNCC (BRASIL, 2017), vê-se uma relação dialógica consonante ao objetivo do documento que é de parametrizar em que ano/série os educandos devem iniciar o aprendizado de certo conteúdo. Fato positivo a destacar, com essa base nas escolas públicas, é que os alunos, mesmo que mudem de rede, município ou estado, terão garantidos os mesmos direitos de aprendizagem, não sendo prejudicados. Ademais, os professores e as redes de ensino poderão ter mais clareza no momento de elaboração de avaliações internas e externas.

Palavras finais

Buscando responder a nossa pergunta de pesquisa: *Como os sinais de pontuação são apresentados na BNCC?*, observamos que esse conteúdo aparece como parte integrante dos três eixos principais da língua: leitura, produção de texto e análise linguística/semiótica. Ademais, o próprio conceito de pontuação não é explicitado diretamente, mas sua inserção no documento está atrelada aos elementos notacionais da escrita.

Ponto a ressaltar em nossas considerações é que o ensino da pontuação deva iniciar a partir do 3º ano do Ensino Fundamental, sendo um documento balizador para os editais de engendramento dos livros didáticos, bem como para a estruturação de currículos estaduais e municipais, servindo também como base para a elaboração de apostilas e outros materiais de redes específicas.

Ademais, encontramos acerca dos sinais de pontuação muitas ocorrências no documento (BRASIL, 2017) que não foram possíveis adentrar, pelo espaço delimitativo deste artigo, mas acaba sendo um assunto de extrema importância em iremos investigar em futuras pesquisas. Além disso, essa pesquisa servirá de mote para trabalhos de outros pesquisadores interessados na temática, em artigos, monografias e até mesmo dissertações e teses, pois é um assunto muito rico e ainda pouco explorado dentro da área de Letras e Linguística, tendo em vista a recente homologação desse documento.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. **O freudismo: um esboço crítico**. Trad. Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas de edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm Acesso em 02 nov. 2014.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília/São José dos Campos: MEC/SEF/UNIVAP, 2001.
- BRASIL. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010a.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares para o ensino fundamental de 9 (nove) anos**. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2010b.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação: lei n. 13.0005, de 25 de junho de 2014**. Brasília: Palácio do Planalto/Casa Civil, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em 01 nov. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> . Acesso em: 01 dez. 2018.
- CATACH, N. **La ponctuation: histoire et système**. Paris. Presses Universitaires de France, 1994.
- CHACON, L. **Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- DAHLET, V. **Pontuação, Língua, Discurso**. Comunicação apresentada no 24º Seminário do GEL/1994 – FFLCH/USP-SP. São Paulo, 1995, p. 337-340.
- DAHLET, V. **As (man)obras da pontuação: usos e significações**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- FLORES, V. do N. et al. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.
- JAKUBINSKI, L. **Sobre a fala dialogal**. Tradução Dóris de Arruda C. da Cunha; Suzana Leite Cortez. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- NUMBERG, G. **The linguistics of punctuation**. Lecture Notes, number 18. Stanford, CA: Center for The Study of Language and Information, 1990.
- ROCHA, I. L. V. O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva. **DELTA**, São Paulo, v. 13, n. 1, 1997. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 16 dez. 2007a.
- ROCHA, I. L. V. Flutuação no modo de pontuar e estilos de pontuação. **DELTA**, São Paulo, v. 14, n. 1, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 17 dez. 2007b.
- VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Submetido em 14 de setembro de 2019. Aprovado em 09 de dezembro de 2019.